

# Estética e Política *entre as Artes*



© Filipe Pinto

## Conceção e organização

Elisabete Marques, Emília Pinto de Almeida, Filipe Pinto e João Pedro Cachopo

## 9 de abril

**Considerações críticas sobre a noção de geo-estética**  
por José Bragança de Miranda  
**Pare, re-pare, repare melhor. O “reparar” enquanto tática e a “secalharidade” enquanto poética**  
por João Fiadeiro e Fernanda Eugénio  
Moderador: João Pedro Cachopo

## 16 de abril

**Artes e reparações do mundo**  
por Silvina Rodrigues Lopes  
**A política da forma e as suas condições**  
por António Guerreiro  
Moderadora: Mariana Pinto dos Santos

## 14 de maio

**Devagar, a poesia** por Rosa Maria Martelo  
**As artes e a formação histórica dos sentidos humanos** por Manuel Gusmão  
Moderadora: Emília Pinto de Almeida

## 28 de maio

**Arte, dispositivos e operações**  
por Maria Teresa Cruz  
**Será possível uma crítica de arte que não utilize categorias clínicas?**  
por Nuno Nabais  
Moderador: Filipe Pinto

## 11 de junho

**Música da língua, língua da música**  
por Mário Vieira de Carvalho  
**Políticas da interpretação no teatro de ópera** por Paulo Ferreira de Castro  
Moderador: Manuel Deniz Silva

## 25 de junho

**As políticas da arte e a questão dos museus** por Luiz Camillo Osorio  
**Quão subversivas serão as manchas de verdura?** por João Queiroz  
Moderadora: Elisabete Marques

Dando continuidade aos seminários realizados em 2012 e 2013, o ciclo de conferências e debates *Estética e Política* entre as Artes pretende constituir um fórum de debate sobre temas artísticos contemporâneos, incidindo especialmente sobre os aspetos estéticos e políticos da relação entre as artes (da literatura à música, passando pelas artes visuais, pelas artes performativas e pelo cinema).

O intervalo que o “entre” sinaliza permanece a característica distintiva do debate em perspectiva. Ele traduz a hipótese de que uma pesquisa sobre a política da(s) arte(s) possa encontrar um ponto de partida privilegiado numa reflexão sobre o intervalo que as separa e aproxima. Esta hipótese ganha expressividade tanto na discussão dos regimes de identificação, hierarquização, conjugação e/ou diferenciação das artes, quanto na exploração do modo como a perturbação de tais regimes pode alterar as formas de experiência e apropriação de objetos e práticas artísticas.

Ao longo de seis sessões – cada uma delas contando com duas conferências seguidas de debate –, investigadores, críticos, artistas, curadores seguirão o fio desse “entre” – em que se enleiam fenómenos de cruzamento, citação, montagem, tradução, entre outros – na senda de desvios de perspectiva acerca do que move a arte no, e contra, o presente.

## Música da língua, língua da música por Mário Vieira de Carvalho

A investigação da faculdade da língua ou da linguagem e da música como sistemas cognitivos, numa abordagem interdisciplinar que conjuga os atuais desenvolvimentos na linguística com a biologia evolucionária, a antropologia, a psicologia e as neurociências, tem deslocado o problema das origens da música do terreno antropológico-cultural para o terreno biológico. Ao falar-se duma biologia da música, ou de uma biomusicologia, que incorpora a herança de Darwin, reconhece-se implicitamente que a perspectiva da investigação evolucionária de *música e língua* leva ao alargamento da noção de música a processos biológicos que não são exclusivos dos humanos, embora só com os humanos tenham atingido determinados níveis de complexidade, cuja origem mais recuada é filogenética, mas cujas intensidade e dinâmica de desenvolvimento são sobretudo ontogenéticas ou culturais. Enquanto uma linha de investigação se ocupa sobretudo dos fenómenos bioacústicos, outra acentua o papel do *gesto de apontar* nas origens da comunicação humana e sugere que a aquisição de convenções linguísticas depende crucialmente de faculdades e motivações sociocognitivas desenvolvidas originariamente na comunicação gestual. Numa desejável convergência de ambas as linhas, assume-se que só na base da complementaridade entre *gesto e som* é possível progredir na pesquisa

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

sobre a evolução da linguagem e da música. Tais são os tópicos principais a partir dos quais se aborda a semântica da interação na comunicação musical, as relações entre música e língua e o *caráter de linguagem* da música e da arte em geral.

**Mário Vieira de Carvalho** é professor catedrático jubilado de Sociologia da Música da FCSH da UNL. Fundou e é presidente do CESEM, integra a Direção da Academia Europeia do Teatro Lírico, e foi secretário de Estado da Cultura do XVII Governo Constitucional (entre 2005 e 2008). Contam-se, entre as suas numerosas publicações, *Pensar é morrer ou o Teatro de São Carlos na mudança de sistemas sociocomunicativos* (1993) e *A tragédia da escuta – Luigi Nono e a música do século XX* (2007).

## **Políticas da interpretação no teatro de ópera** por Paulo Ferreira de Castro

De que falamos quando falamos de políticas da interpretação no teatro de ópera? Entre outras coisas, do próprio alcance do conceito de interpretação, e portanto, de um conjunto de questões de que a filosofia se tem ocupado no âmbito da teoria hermenêutica: o lugar ontológico do sentido, a tensão entre reprodução e emergência do significado, a pretensa autoridade do autor, as miragens da fidelidade ao texto, a margem de arbitrariedade permitida ao intérprete, a atitude do “recetor” (designação, aliás, sumamente equívoca, assente num dualismo questionável). Podemos hoje subscrever o anátema lançado sobre (quase toda) a interpretação por Susan Sontag num texto célebre? Ou estamos inevitavelmente condenados, enquanto agentes culturais, à interpretação, senão mesmo aos excessos da sobre-interpretação?

Os debates neste domínio estendem-se, na teoria como na prática, aos palcos do teatro de ópera, sobretudo no quadro das transformações dos critérios interpretativos musicais e da renovação das linguagens teatrais nas últimas décadas – naquilo em que alguns veem, euforicamente, uma reinvenção da ópera como espetáculo total, e outros, uma demonstração do niilismo pós-moderno. Quais as potencialidades e os limites de algumas das tendências atualmente em confronto, e quais as suas

implicações no presente contexto político-cultural, é o tema sobre o qual propomos uma reflexão.

**Paulo Ferreira de Castro** é musicólogo, doutorado em Filosofia da Música pela Universidade de Londres, e professor do Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa. Além do seu trabalho como investigador e conferencista, exercido em Portugal e no estrangeiro, tem-se dedicado à teoria e prática da encenação de ópera e desempenhou funções dirigentes no Teatro Nacional de S. Carlos.

---

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

---